

da única obra engendrada neste insignificante rectângulo que se pode medir, sem medo, com os *Essais* de Montaigne, os *Pensées* de Pascal, as *Confessions* de Rousseau, as *Mémoires d'outre-tombe* de Chateaubriand, e por aí fora, ficando somente pela *Gália*, ultrapassando-os, como se não bastasse, a todos.»

A edição crítica do LD, elaborada com um rigor crítico que não exclui a paixão por parte de Jerónimo Pizarro, é, em si mesma, sinal de uma revalorização sem igual até ao momento presente do LD, cujas consequências são ainda difíceis de divisar. Só um olhar atento sobre o *Texto Crítico* e sobre o *Aparato Crítico* poderá levar-nos a perceber que este último *Livro do Desassossego* é, sem dúvida alguma, um dos acontecimentos mais notórios no campo editorial do ano de 2010.

*Maria de Lurdes Sampaio*

**FERNANDO PESSOA E NIETZSCHE:  
O PENSAMENTO DA PLURALIDADE  
NUNO RIBEIRO  
Lisboa, Verbo, 2011  
116 páginas, ISBN 978-972-2230-35-3**

Nos dois principais movimentos que o constituem, o livro de Nuno Ribeiro propõe uma abordagem de alguns mecanismos de desagregação que subjazem e regulam o pensamento de Fernando Pessoa e de Friedrich Nietzsche e o colocam sob o signo comum da pluralidade. Trata-se de um volume com

116 páginas cuja breve «Apresentação» destaca a moderna «fragmentação de princípios unitários» como terreno comum partilhado pelos dois autores em estudo e justificando o diálogo da filosofia com a literatura.

Na primeira parte («a escrita pluralista») aborda-se essencialmente o modo como Nietzsche e Pessoa postularam o sujeito como «multiplicidade» (21), sendo as operações de perspetivismo do filósofo alemão e de heteronímia do poeta português a sua expressão privilegiada. Reconhecendo, nas «personagens conceptuais» (16) do autor de *Assim falava Zarathustra* e na criação de «personalidades heteronímicas, semi-heteronímicas e sub-heteronímicas» (15) de Pessoa sinais de uma «estética da pluralidade», o autor procura indagar esse fenómeno estético e compositivo noutras formas e forças de escrita. A questão crítica da relação entre heteronímia e perspetivismo é observada a partir da noção de sujeito como corpo e de corpo como multiplicidade, presente nos dois conceitos. «Pluralidade de forças» – «impulsos, afectos e instintos» (22) – em Nietzsche; já nos textos de cariz político de Fernando Pessoa, a noção se afigura de maior complexidade mormente configurando bases para uma «genealogia da heteronímia» (27). Hierarquicamente organizados, perspetivismo e heteronímia decorrem de idêntico movimento e processo caleidoscópico «que faz nascer constantemente novas perspectivas e dá constantemente origem a

novos modos de ser e de se relacionar com o mundo e com a vida» (25). No entanto, enquanto o perspectivismo de Nietzsche se circunscreve à criação de personagens concetuais, a heteronímia pessoana inscreve-se num jogo artístico mais amplo, que permite conceber novos autores «cada um com a sua obra própria, o seu carácter literário e /nos/ escritos filosóficos, com as suas personagens concetuais próprias» (27). Em consonância com este princípio, a tendência comum para criação de uma «pluralidade de estilos» (30) acusa diferenças substanciais nos escritos de Nietzsche e de Pessoa. De desígnio essencialmente filosófico e intimamente associado ao conceito de «estado interior» (31) no autor de *Ecce Homo*, o pluralismo estilístico em Fernando Pessoa contempla géneros literários, tipologias de textos, movimentos literários e estilos, como se demonstra a partir do sensacionismo que «admite todos os movimentos literários» (33) e no qual «Pessoa inclui todos os seus heterónimos bem como a si próprio» (35). A distribuição operada por Pessoa via «cubo da sensação» entre «as três espécies de sensações objectivas e as três espécies de sensações subjectivas» (34) abre caminho ao autor para uma distinção concetual pertinente entre o tipo de abstração implicada na filosofia e na literatura. Assim, procurando criar «uma realidade inteiramente nova», o objeto da arte é a «sensação do abstracto», o que implica «abstracção dinâmica» – ou «abstracção em movi-

mento» –, ao passo que a filosofia, mais atenta aos fenómenos que procura desvelar, «descrever e organizar» privilegia uma «sensação do concreto» e uma abstração «pura» e «estática» (36). Este ponto, parece-nos, poderia ter sido reativado na secção seguinte, no momento de reapreciação da questão do «espaço literário dramático» em Fernando Pessoa e a «alteração da forma dramática», por via da «fragmentação» heteronímica, em «drama em gente» – alicerce, como se sabe, da sua criação. Quais as implicações dessa concepção reiterada por Pessoa – como bem o elucidam as notas de rodapé – da arte enquanto «sensação do abstracto» no processo e nos mecanismos de multiplicação do «nada» em «espaços interiores» *estáticos* e puramente *abstractos* mas suficientemente *dinâmicos* e *concretos* para tecerem toda uma esfera de «inter-relações entre os diversos textos e entre as múltiplas personalidades» (44)? Como intervém, aqui, a noção de *sujeito* nietzschiano enquanto «sistema em constante movimento» (24)?

De igual modo, nas «incursões pela pluralidade» que formam a segunda parte do livro, o interesse de Pessoa pela noção de «super-homem» nietzschiano, capaz de «controlar os impulsos e instintos desordenados» (57), para além das suas leituras diretas e secundárias do filósofo alemão (54-55) e da sua presença em contextos diferentes nos escritos do poeta português, poderia ter sido correlacionado com as noções apenas afloradas de «morte de

Deus» e «vontade de poder» e a ligação das três noções ao pensamento poético-filosófico de Pessoa no contexto de rutura generalizada com princípios unitários. Já a «segunda incursão» focaliza de forma mais precisa a concepção nietzschiana de homem como «animal vestido» procurando inferir o papel das instituições na construção desse «revestimento» («Verkleidung») em ambos os autores. Partindo de *Para a Genealogia da Moral*, Nuno Ribeiro mostra quanto a deslocação do pensamento de Nietzsche do plano transcendental (71) para o plano social tem repercussões no seu pensamento antropológico, e num sujeito doravante «todo ele considerado como corpo» (73), como «imanência» (72) essencialmente (in)vestido de *instintos*, com implicações sociais e morais de múltiplas formas. Igualmente ancorado no campo social mas configurado como «crítica das religiões» e «reconstrução do paganismo» (78), o pensamento pessoano que se exprime em Ricardo Reis e António Mora tece por seu turno relações privilegiadas com a «máscara» – «traje religioso» – e as «várias submáscaras» sociais que emergem outrossim no *Livro do Desassossego*. Já nas páginas políticas pessoanas é possível inferir pontos de ligação interessantes entre a noção de «instintos sociais» (80) e a emergência de «uma segunda natureza» em que o *hábito* e as *instituições* assumem papel determinante.

O livro termina com uma reflexão sobre «a genealogia do ‘sentido da terra’ em Nietzsche» pela via da aproximação das figuras concetuais de Apolo e Dioniso, ambas articuladas à noção matricial de *terra* por remeterem para «dois impulsos, correspondentes a forças artísticas naturais diferentes» (90) e portanto para modos distintos de relacionamento com o mundo. Apesar do valor potencial que, transversalmente, as noções detetadas de «genealogia», de «território», de «marcos de fronteira», de «vontade», de «poder» e de «individualização» possam suscitar, *a posteriori*, com os movimentos anteriores, pode lamentar-se que este capítulo se tenha desvinculado quer da ótica comparatista – não há lugar a qualquer referência a Fernando Pessoa, expectável, no mínimo, pela via da *genealogia* – quer das articulações explícitas entre a leitura aliciante que propõe a questão central da pluralidade em ambos os autores que foi fio de prumo do seu trabalho.

Reconhecendo embora que o desígnio de «percorrer as diversas vias que Nietzsche e Fernando Pessoa nos abrem para a construção de um pensamento da pluralidade» (meu sublinhado) fica aquém da abrangência anunciada, é justo reconhecer que o ensaio comparatista de Nuno Ribeiro resultou numa leitura estimulante que descortina, sob novos ângulos, o pensamento de dois nomes que se vêm assumindo como faróis da nossa Modernidade.

*Maria de Jesus Reis Cabral*